# Fundo de Previdência Social Municipal de Boa Vista do Sul - RS

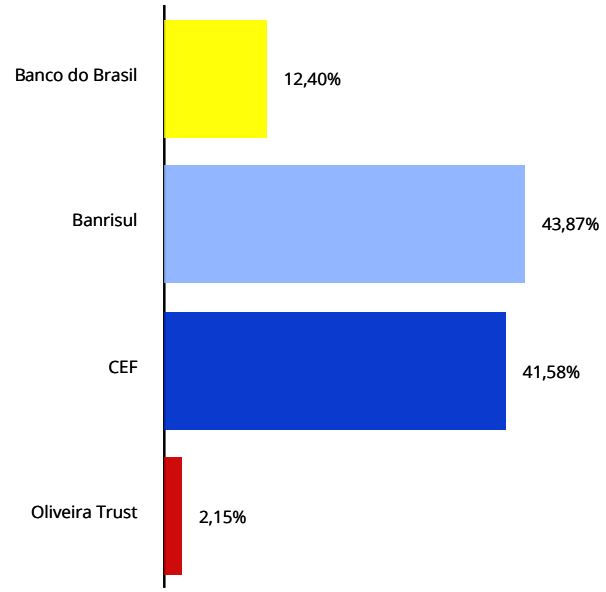
## Relatório da Carteira de Investimentos

JULHO

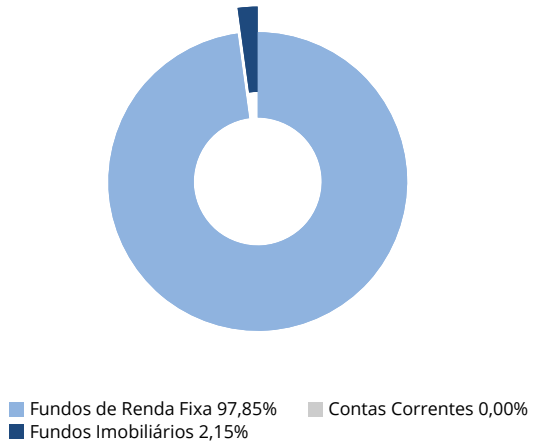
Os recursos do FPSM - Boa Vista do Sul são aplicados respeitando os princípios de segurança, legalidade, liquidez e eficiência.

A diretoria do Instituto, assessorada pela SMI Consultoria de Investimentos, vem buscando estratégias para que as necessidades atuariais do Instituto sejam alcançadas de acordo com os prazos estabelecidos. Neste mês a carteira de investimentos está distribuida da seguinte forma:

### Distribuição da Carteira por Instituição Financeira



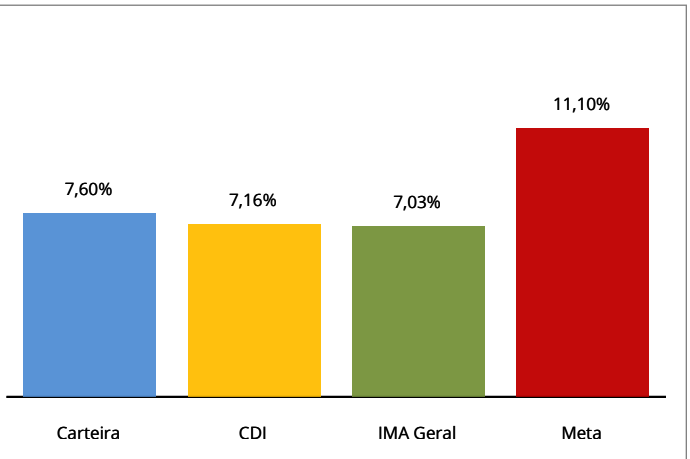

### Distribuição da Carteira por Segmento



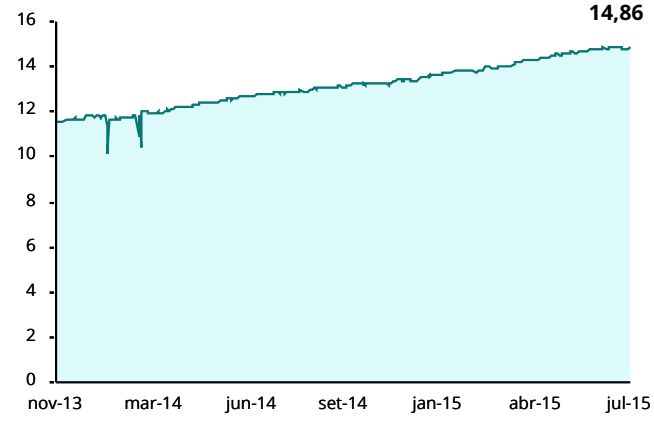

### HISTÓRICO DE RENTABILIDADE

| COMPARATIVO | NO MÊS | NO ANO | EM 252 DIAS ÚTEIS |
|---|---|---|---|
| **FPSM - BOA VISTA DO SUL** | **0,36%** | **7,60%** | **12,19%** |
| **CDI** | 1,18% | 7,16% | 12,02% |
| **IMA Geral** | 0,51% | 7,03% | 11,13% |
| **Meta Atuarial - INPC + 6 %** | 1,07% | 11,10% | 16,30% |

### Carteira x Indicadores em 2015




### Evolução do Patrimônio (em R$ Milhões)




**Análise de Desempenho: A carteira do FPSM - Boa Vista do Sul tem como principal objetivo superar a Meta Atuarial.**


**SMI Consultoria de Investimentos**
Fone: 48 3037 1001
www.smiconsult.com.br

**Análise Macroeconômica**

Ao longo do mês de julho, a Presidente do Federal Reserve (Banco Central americano) Janet Yellen declarou diversas vezes que os juros serão elevados neste ano. Apesar de continuarmos acreditando que o liftoff (elevação dos juros) deveria ocorrer só em 2016, não podemos ignorar uma sinalização tão clara e tão direta feita pela Presidente do Banco Central mais importante do mundo. Como os salários de lá seguem crescendo a taxas inferiores ao período pré-crise (atualmente valorizam em torno de 2% ao ano, e até 2009 cresciam entre 3% e 4%) e a inflação segue muito baixa (o índice de inflação acompanhado pelo BC americano está em 0,3%, enquanto o índice oficial de inflação está em 0,1%), acreditamos que o liftoff deva ocorrer na reunião do FOMC de dezembro deste ano, e não na de setembro, como aposta a maior parte do mercado.

O comunicado do FOMC divulgado no final do mês de julho mostrou que o Comitê está bastante otimista com a atividade americana, embora mostre certa preocupação sobre os impactos da apreciação do dólar na balança comercial americana – como o dólar se fortaleceu em relação às demais moedas do mundo, os países compram menos produtos americanos. Com relação à inflação estar bastante baixa, os membros do FOMC mantiveram a visão de que se trata de uma situação passageira, causada pela queda de preços das commodities, sendo que os preços devem se elevar no decorrer dos próximos meses.

Na Zona do Euro, a situação da Grécia ainda não foi solucionada. Na carta mensal do último mês, citamos a fala de um dos membros do Banco Central Europeu, Ewald Nowotny, para ilustrar a tolerância que acabou se formando sobre o calote grego. A diretora do FMI, Christine Lagarde, deu diversas declarações no sentido de estimular os credores a conceder um desconto à dívida grega. Na prática, os credores estarão aceitando tomar um calote de um montante conhecido, em vez de correrem o risco de um calote de proporções desconhecidas.

Por fim, na China, continuamos acreditando que há riscos relevantes em seu sistema financeiro não oficial que ainda não vieram à tona. O governo chinês certamente estará disposto a agir caso um evento não antecipado ocorra. No entanto, um acontecimento deste porte deve trazer dificuldade adicional à recuperação da economia global.

A situação econômica brasileira segue cada vez mais complicada. Temos mais dificuldade de antever uma melhora da economia do país. Infelizmente, passamos a esperar que uma retomada efetiva da economia só aconteça a partir de 2019. Hoje acreditamos em uma retração da atividade de 2,2% neste ano, seguida de uma nova retração de 0,6% em 2016.

A redução da meta de superávit primário deste ano pelo governo foi, de longe, o assunto mais importante e o mais relevante para a piora da perspectiva brasileira. Embora os ministros da Fazenda e do Planejamento tenham deixado claro que não estão menos comprometidos com a redução dos gastos do governo e com a trajetória da relação dívida-PIB, a notícia não deixou de ser muito ruim. A nova meta de superávit é de 0,15% do PIB (equivalente a R$ 8 bilhões) e, em nossa visão, não será atingida.

Na semana seguinte à redução da meta de superávit primário, a Standard & Poor's colocou a nota de rating da economia brasileira em perspectiva negativa. O Brasil já possuía a nota mais baixa possível dentro da classificação de grau de investimento, de forma que a perda de grau se tornou o cenário mais provável. Desta forma, acreditamos que a S&P rebaixará o Brasil a grau especulativo no primeiro trimestre de 2016.

Além da piora econômica, a piora da situação política também foi bastante latente ao longo do mês. Especulações sobre o impeachment de Dilma são cada vez mais frequentes nos jornais e uma nova manifestação popular contra o governo e o PT está marcada para o dia 16/08. Nos primeiros dias do mês de agosto, o DataFolha apontou que a rejeição de Dilma chegou ao pior nível de um presidente eleito desde a redemocratização – pior, inclusive, que as estatísticas de Collor.

Na política monetária, o Copom elevou a meta da Taxa Selic para 14,25% a.a, em linha com o que era esperado pela SOMMA Investimentos. O Comunicado da reunião sugeriu disposição do Comitê em manter a Selic inalterada neste valor por um longo período, mas a ata detalhou que o Comitê está acompanhando a situação fiscal e a taxa de câmbio. Se ambas as variáveis piorarem, deveremos ter novos aumentos da taxa básica de juros.

**Renda Fixa**

Em julho, vimos o cenário de deterioração do Brasil se confirmar em várias frentes. O crescimento econômico que se esperava para 2016, já ficou para lá de 2018. O enfraquecimento do governo, batendo recordes de rejeição e isolando a presidente. A jogada de toalha do ajuste fiscal com a redução da meta para pífios 0,15%. A ameaça de perda do grau de investimento e o Bacen afirmando a permanência da taxa de juros em patamar elevado por mais tempo. Como se tudo isso não fosse suficiente, ainda temos que lidar com a dúvida em relação ao início do aumentos da taxa de juros dos EUA. Todos esses fatores pressionam as taxas de juros e o dólar para cima. A elevação da moeda americana fica mais intensa ainda devido ao ajuste que os fundos de pensão estrangeiros, que não podem ter exposição a países sem grau de investimento, estão fazendo em suas carteiras, encerrando suas posições no nosso mercado.

No Brasil, as curvas de juros de longo prazo fecharam em alta, com o movimento se intensificando na última semana do mês. Os juros de curto prazo (FUT DI1 F16, vencimento janeiro/2016), abriram o mês a 14,24%, chegaram a 14,31% e fecharam em 14,19% a.a., um movimento lateral já precificado pela alta de 50 pontos base. O movimento dos juros de longo prazo (FUT DI1 F21, vencimento janeiro/2021) foi mais volátil. Abriram o mês em 12,68%, chegaram na máxima de 13,43% e fecharam em 12,77% a.a., encerrando uma alta de 0,71%. Alguns vértices mais longos apresentaram altas mais fortes, como o FUT DI1 F24, que encerrou o mês subindo 2,55%. Nesse ambiente, o IMA-B fechou com uma queda de 0,73% e o IRF-M com alta de 1,23%. O CDI apresentou variação de 1,18% no mês de julho.

O forte movimento do dólar se deveu aos fatores já mencionado acima. O mau humor do cenário interno está pesando bastante, sendo que a moeda americana fechou o mês com alta de 9,39%, abrindo o mês em R$ 3,1026 e fechando em R$ 3,394. As das taxas de juros de longo prazo dos títulos americanos apresentaram queda de 7,35% no mês, após ter subido 10,92% em junho. Os juros de 10 anos fecharam o mês de maio em 2,35% e junho em 2,18% a.a. Essa queda é atribuída a aversão ao risco desencadeada pelo cenário conturbado do sistema financeiro chinês. O dólar ainda pode sofrer pressão de alta, caso o cenário interno continue nebuloso.

**Renda Variável**

A partir da segunda quinzena mês de julho, ficou latente o agravamento da crise política. O rompimento formal do presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha (PMDB), associado ao anúncio da redução da meta fiscal agravada por interesses políticos adversos, além da revisão negativa do rating soberano por parte da S&P foram fatos que se fizeram o Ibovespa recuar 8% no momento mais delicado do mês. Com a alta volatilidade, parte dos investidores, talvez contabilizando a Bolsa em dólar, identificaram o momento como uma oportunidade de entrada, sendo que houve relativa melhora do Ibovespa ao final do mês.